



RELIGIÃO, SECULARIZAÇÃO E LINGUAGEM: PROBLEMATIZANDO A PARTIR DO PLURALISMO EM PETER BERGER

RELIGION, SECULARIZATION AND LANGUAGE: PROBLEMIZING FROM
PLURALISM IN PETER BERGER

RELIGIÓN, SECULARIZACIÓN Y LENGUAJE: PROBLEMATIZANDO DESDE
EL PLURALISMO EN PETER BERGER

*Alexandre de Jesus dos Prazeres**

RESUMO

A secularização é um problema de pesquisa que foi inicialmente abordado por teólogos e por filósofos, mas que ao ser abordado sociologicamente foi apresentado como um fenômeno moderno que necessariamente acarretaria o declínio da religião. E esta foi a postura inicial assumida por Peter Berger em sua teoria clássica acerca da secularização. Porém, em pesquisas mais recentes com fundamentação empírica, Berger reconheceu ter compreendido mal o tema, principalmente a relação entre secularização e pluralismo. Neste texto, se busca refletir e problematizar o papel da religião e da secularização, tendo como ponto de partida a concepção acerca de pluralismo proposta por Peter Berger. Ele compreendeu que a sociedade moderna encontrou uma forma na qual há uma coexistência nas mentes dos indivíduos e na esfera social de um duplo pluralismo: o de discursos de diferentes religiões e a coexistência de discursos religiosos e seculares. Todavia, trazemos a noção de religião como texto e linguagem para o debate estabelecendo um diálogo com o conceito de “estruturas de plausibilidade” de Berger, com o intuito de superar qualquer rígida distinção entre secular e sagrado. E as contribuições oriundas do horizonte teórico dos

* Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe, Mestre em Ciências da Religião e Bacharel em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco, Licenciado em Sociologia pelo Centro Universitário Internacional. E-mail: alexandrespn@gmail.com.



estudos acerca da linguagem ou da semiótica da cultura podem ser de imenso auxílio para as pesquisas que não ignorem a religião como texto cultural.

Palavras-chave: Secularização; Religião; Linguagem; Pluralismo.

ABSTRACT

Secularization is a research problem that was initially addressed by theologians and philosophers, but when approached sociologically, it was presented as a modern phenomenon that would necessarily lead to the decline of religion. And this was the initial stance taken by Peter Berger in his classic theory of secularization. However, in more recent empirically based research, Berger acknowledged having misunderstood the topic, especially the relationship between secularization and pluralism. In this text, we seek to reflect and problematize the role of religion and secularization, taking as a starting point the conception of pluralism proposed by Peter Berger. He understood that modern society has found a way in which there is a coexistence in the minds of individuals and in the social sphere of a double pluralism: that of discourses of different religions and the coexistence of religious and secular discourses. However, we bring the notion of religion as text and language to the debate by establishing a dialogue with Berger's concept of "plausibility structures", with the aim of overcoming any rigid distinction between secular and sacred. And the contributions arising from the theoretical horizon of studies about language or the semiotics of culture can be of immense help for research that does not ignore religion as a cultural text.

Key words: Secularization; Religion; Language; Pluralism.

RESUMEN

La secularización es un problema de investigación que inicialmente fue abordado por teólogos y filósofos, pero abordado sociológicamente se presentó como un fenómeno moderno que necesariamente conduciría al declive de la religión. Y ésta fue la postura inicial adoptada por Peter Berger en su teoría clásica sobre la secularización. Sin embargo, en una investigación empírica más reciente, Berger reconoció haber entendido mal el tema, especialmente la relación entre secularización y pluralismo. En este texto buscamos reflexionar y problematizar el papel de la religión y la secularización, tomando como punto de partida la concepción de pluralismo propuesta por Peter Berger. Entendió que la sociedad moderna ha encontrado una forma en la que coexiste en la mente de los individuos y en el ámbito social un doble pluralismo: el de discursos de diferentes religiones y la coexistencia de discursos religiosos y seculares. Sin embargo, traemos al debate la noción de religión como texto y lenguaje, estableciendo un diálogo con el concepto bergeriano de "estructuras de plausibilidad", con el objetivo de superar cualquier distinción rígida entre lo secular y lo sagrado. Y las contribuciones desde el horizonte teórico de los estudios sobre el lenguaje o la semiótica de la cultura pueden ser de inmensa ayuda para la investigación que no ignore la religión como texto cultural.

Palabras clave: Secularización; Religión; Idioma; Pluralismo.

1 INTRODUÇÃO

A secularização, ao ser assumida como problema sociológico, foi compreendida inicialmente enquanto secularização da consciência (secularização subjetiva) e das instituições, organizações e espaços na sociedade (secularização objetiva).

Até este ponto a teoria sociológica parece se orientar pela perspectiva tradicional acerca de sagrado e profano/secular. Porém entendendo que em tempos pré-modernos, embora a distinção entre secular e sagrado fosse reconhecida tanto na consciência dos sujeitos quanto fora desta, ocorria uma sacralização, um predomínio do sagrado nas consciências e no contexto sócio-estrutural. E com o advento da Modernidade a situação teria se invertido, ocorreria uma secularização das consciências e dos espaços na sociedade. As teorias foram revistas em certos aspectos ao ponto de se falar em retorno do sagrado, revanche do sagrado, e, por fim, reconhecer que o sagrado sempre esteve presente, nunca partiu, os deuses não deixaram pegadas porque não foram a lugar nenhum.

Em meu modo de encarar este debate sociológico, uma coisa parece persistir, uma rígida distinção entre profano/secular e sagrado, deixando de notar os, não raros, momentos nos quais se misturam, exercem mútuas influências um sobre o outro, nos quais promovem compartilhamentos de sentidos.

Deste modo, neste texto, se busca refletir e problematizar o papel da religião e da secularização, tendo como ponto de partida a concepção acerca de pluralismo proposta por Peter Berger. Ele compreendeu que a sociedade moderna encontrou uma forma na qual há uma coexistência nas mentes dos indivíduos e na esfera social de um duplo pluralismo: o de discursos de diferentes religiões e a coexistência de discursos religiosos e seculares. Todavia, trazemos a noção de religião como texto e linguagem para o debate estabelecendo um diálogo com o conceito de “estruturas de plausibilidade” de Berger, com o intuito de superar qualquer rígida distinção entre secular e sagrado.

Em termos teórico-metodológicos, esta pesquisa possui um caráter qualitativo, fundamenta-se em revisão bibliográfica acerca da produção intelectual de Peter Berger no que se refere ao tema da secularização e da religião em tempos modernos.

Neste sentido, no primeiro momento, será traçada a trajetória de produção intelectual por meio da qual o desenvolvimento teórico-metodológico de Berger percorreu. Este procedimento levará em consideração a sua produção desde a teoria clássica sobre a secularização até o seu entendimento mais recente sobre o pluralismo moderno. O objetivo é o de expor uma visão geral acerca do debate sobre o tema em consideração.

No segundo momento, buscar-se-á trazer para o debate a concepção de religião como linguagem e relacionar esta concepção com o conceito de “estruturas de plausibilidade”. Pois este é um conceito importante de Peter Berger, elaborado no âmbito da Sociologia do Conhecimento, que possui fortes vínculos com o conceito de linguagem.

Esta discussão abrirá o caminho para o terceiro momento no qual se enfatizará a religião enquanto linguagem e o seu potencial gerador de novos sentidos. Esta característica é de essencial relevância para entender o modo como os textos culturais religiosos interpretam a realidade, influenciam e são influenciados por outros textos.

2 DA SECULARIZAÇÃO AO PLURALISMO

Max Weber foi quem formulou a metáfora sobre o abandono do jardim encantado pelo homem moderno. Esta metáfora aponta para a constatação de que o homem moderno abdicou da busca por explicações transcendentais para os eventos ocorridos neste mundo. Diante das adversidades, ao invés de se entregar a elementos misteriosos e sobrenaturais como providência divina, destino, acaso ou sorte, o homem moderno assume o domínio sobre a natureza e a história através da técnica e da ciência, fazendo uso da racionalidade. Flávio Pierucci (2013), acerca do “conceito de desencantamento do mundo” em Weber, afirma que este quando o pensou e o construiu como um conceito – também este um nexo causal necessário para explicar comprendendo, mais que o desenvolvimento da razão capitalista, o próprio surgimento de nossa moderna cultura racional. Pierucci (2013, p.7-8) explica:

“Desencantamento”, em alemão *Entzauberung*, significa literalmente “desmagificação”. *Zauber* quer dizer magia, sortilégio, feitiço, encantamento e por extensão encanto, enlevo, fascínio, charme, atração, sedução... *Der Zauberer* nomeia o mágico, o mago, o

feiticeiro, o bruxo, o encantador. Enfeitiçar, embruxar ou encantar pode ser *zaubern*, *verzaubern*, *bezaubern*, *anzaubern*, e encantamento se traduz o mais das vezes por *Verzauberung*, *Benzauberung* e *Zauberei*, que como *Zauber* também quer dizer magia, feitiçaria, bruxaria, encantaria e assim por diante.

Entre os estudiosos e estudantes, Max Weber costuma ser lembrado como “o homem que fez da ideia de desencantamento não meramente um tema importante para pensar a vida moderna, mas talvez o mais essencial aspecto da modernidade”. Um autêntico desencantador.

Todavia, é na década de sessenta que é testemunhado o surgimento da teoria clássica da secularização com Peter Berger e Thomas Luckmann (COUTINHO, 2018). No Dossel sagrado, texto deste período, Berger (1985, p.119), em sentido socioestrutural, expõe que “por secularização entendemos o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos”.

Quando, porém, refere-se à cultura e a seus símbolos, Berger (1985, p.119) reconhece que a secularização é mais do que um processo socioestrutural, uma vez que afeta a totalidade da vida cultural e da ideação, sendo observada no declínio dos conteúdos religiosos nas artes, na filosofia, na literatura e, sobretudo, na ascensão da ciência, como uma perspectiva autônoma e inteiramente secular do mundo.

Ainda no Dossel sagrado, Berger afirma o seu interesse em saber até que ponto a tradição religiosa do Ocidente teria trazido em si mesma as sementes da secularização. Neste sentido, Berger (1985, p.123) acrescenta:

Se se pode sustentar isso, como pensamos, deve ficar claro, a partir de nossas considerações sistemáticas, que *não* se deve considerar que o fator religioso opere isolado dos outros fatores, mas sim que ele se mantém numa contínua dialética com a infra-estrutura “prática” da vida social. Em outras palavras, nada está mais distante de nossa mente que propor uma explicação “idealista” da secularização. Também deve ficar claro que qualquer demonstração das consequências secularizantes da tradição religiosa ocidental nada nos diz acerca das intenções daqueles que modelaram e levaram avante essa tradição.

Nesta perspectiva, Berger afirma que esses dois pontos são cruciais para se compreender a obra de Weber nesta área e na sociologia da religião em geral. Esta

afirmação sobre Weber antecipa a discussão que Berger realiza sobre o papel particular desempenhado pelo protestantismo no estabelecimento do mundo moderno, tendo como fundamento *A ética protestante e o espírito do capitalismo* de Weber e a pesquisa sobre protestantismo e Modernidade de Ernst Troeltsch. Acerca disto, Berger (1985, p.125) conclui: “Pode-se sustentar, pois, que o protestantismo funcionou como um prelúdio historicamente decisivo para a secularização”. Ele aceita que há um nexo histórico entre protestantismo e secularização, mas reconhece também, com base em Weber e seu estudo sobre o judaísmo antigo, que o potencial secularizante do protestantismo tem suas raízes em elementos anteriores presentes já na própria tradição bíblica. “Em outras palavras”, afirma Berger (1985, p.125), “sustentamos que o ‘desencantamento do mundo’ começa no Antigo Testamento”.

Apesar de ser responsável pela formulação da teoria clássica na década de sessenta, Berger, em textos mais recentes, esboçou uma mudança de entendimento sobre o tema. Esta mudança fez com que fosse classificado entre os defensores de teorias do regresso do sagrado. Berger formulou sua teoria clássica sobre secularização no já mencionado *Dossel sagrado* (publicado originalmente inglês em 1969), também no *Rumor de anjos* (da década 60), bem como em *O imperativo herético* (publicado em 1979).

Esta mudança de posicionamento ocorreu por volta de 1999 em razão de constatações empíricas que, em seu entendimento, contradiziam a teoria. Berger (2008, p.1) expressa que houve um equívoco que pode ser descrito como uma confusão de categorias, estando claro para ele que “a modernidade não é necessariamente secularizante; é necessariamente *pluralizante*. A Modernidade é caracterizada por uma crescente pluralidade, dentro da mesma sociedade, de diferentes crenças, valores e visões de mundo”.

No tocante a isto, ao confrontar este novo posicionamento de Berger com o que escreveu em textos anteriores como, por exemplo, em *Rumor de anjos*, observa-se que, outrora, ele compreendeu que o papel desempenhado pela pluralização moderna era o de provocar a “decrescente plausibilidade das tradições religiosas”. A pluralização cria um ambiente no qual coexistem diversas estruturas de plausibilidade, constituindo-se desafio para as tradições religiosas e não

necessariamente o seu declínio total e desaparecimento. Em outros termos, pessoas expostas a este nível de pluralidade tenderão a questionar a autoridade e o caráter absoluto das doutrinas religiosas propagadas, criando condições para que se perceba o relativismo das tradições religiosas, bem como a sua natureza antropológica.

Em certo sentido, Berger não abandona o conceito de secularização, apenas o submete a uma revisão sob a luz de novos dados. Constatá que a secularização se encontra atualmente num contexto global de religiosidade dinâmica, o que significa que enfrenta sérios desafios.

De qualquer forma, a teoria sociológica ao se debruçar sobre o tema da secularização como um problema sociológico o compreendeu em termos de declínio da influência da religião na sociedade moderna, ou no que se refere ao modo como este declínio religioso exerce impacto sobre a mentalidade do homem moderno. Conforme Peter Berger (1985, p.139), isto ocasionou o surgimento de uma consciência secularizada. Ou seja, a secularização teria promovido um amplo colapso da plausibilidade das definições religiosas tradicionais da realidade. E seguindo uma abordagem própria da Sociologia do Conhecimento, Berger destaca a correlação entre manifestação da secularização em nível da consciência (secularização subjetiva) e a secularização em nível socioestrutural (secularização objetiva).

Em termos sociológicos, a mudança que se efetuou na sociedade moderna por meio do que tem sido denominado de secularização foi a de uma sociedade na qual era praticamente impossível não acreditar em Deus para uma na qual a fé, até mesmo para o crente mais devoto, representa apenas uma possibilidade humana entre outras (TAYLOR, 2010, p.15).

Todavia esta teoria considera a religião em sua dimensão explícita, ou seja, na forma como as instituições ou grupos religiosos elaboram as suas interpretações da realidade ou como as pessoas adotam tais interpretações para si, aceitando-as como plausíveis, ou ainda com relação à influência religiosa na esfera pública da sociedade. Tudo isto em termos de uma consciência religiosa explícita que, uma vez, contraposta a crescente consciência secularizada perdeu plausibilidade,

sofrendo declínio. As consequências deste declínio religioso na consciência se estendem para todas as esferas da sociedade moderna.

No tocante a secularização como problema sociológico, Berger seguiu um percurso intelectual no qual, em sua primeira fase, declarou que “a modernidade acarreta necessariamente um declínio da religião” (2017, p.11); em sua segunda fase, posicionou-se em favor da noção de “dessecularização do mundo”; para, por fim, admitir:

Contudo, agora estou preparado para conceder que os teóricos da secularização não estão tão errados como eu achava antes. Compreendo agora mais plenamente a realidade global do discurso secular, não só na Europa e nas associações do corpo docente em todo o mundo, mas também na vida de muitos crentes comuns que conseguem ser tanto seculares quanto religiosos. Eu diria que são estas pessoas que realizam o ato de equilíbrio cognitivo prototípico da modernidade, e com este ato modificam a forte dicotomia entre os teóricos da secularização e aqueles que anunciam “o retorno dos deuses” (BERGER, 2017, p.15).

O que Berger (2017, p.9) admitiu foi a realidade de se ter que lidar com dois pluralismos na Modernidade, “a coexistência de diferentes religiões e a coexistência de discursos religiosos e seculares. Esta coexistência ocorre não somente nas mentes dos indivíduos, mas também no espaço social.”

Berger, em seus textos, faz constantes referências ao seu conceito de “estruturas de plausibilidade”. Este conceito é importante para entender o modo como ele traduz a função dos múltiplos discursos religiosos e dos discursos seculares na constituição socioestrutural (o que ocorre no espaço social, a dimensão objetiva desse fenômeno) e na constituição da consciência dos sujeitos em sociedade. Ambos os conjuntos de discursos se constituem em formas de representar a realidade. Bem como, enquanto “estruturas de plausibilidade” assumem um papel hermenêutico na relação entre os sujeitos sociais e o mundo, desde modo, demonstrando a relevância da linguagem neste processo.

3 RELIGIÃO, PLAUSIBILIDADE E LINGUAGEM

Há conceitos cujos significados parecem evidentes desde que ninguém nos peça para explicá-los. É como a questão levantada por Santo Agostinho (2006, p.342)

acerca do tempo: “Por conseguinte, o que é o tempo? Se ninguém me pergunta, eu sei; porém, se quero explicá-lo a quem me pergunta, então não sei.” Religião assim como o tempo é um desses conceitos acerca dos quais julgamos possuir compreensão, desde que ninguém pergunta: o que é religião?

Devido à atitude de considerar o conceito de religião como evidente, em não raras ocasiões, os autores passam rapidamente pelo problema da definição ou assumem um conceito que, de modo geral, se harmoniza com a noção judaico-cristã acerca da religião. Nesta perspectiva, assume-se que “religião envolveria um sistema de crenças e práticas primeiramente centradas em torno de uma realidade transcendente pessoal, que providencia o significado último e o propósito da vida” (KOSLOWSKI, 2013, p.103-104).

Já há algum tempo não é novidade que o conceito de religião de caráter lexical ou nominal (tomando como referência o latim *religio*) é uma invenção ocidental (KOSLOWSKI, 2013; HOCK, 2010). Para os romanos, a palavra *religio* possuía o aspecto de exatidão ritual, da atuação correta durante um rito religioso. É, neste sentido, que Cícero (106-143 a.C.), no seu *De natura deorum* (Sobre a natureza dos deuses), define *religio* como *cultus deorum* (culto aos deuses), evidenciando a noção de comportamento ritual correto. Assim, *religio* teria afinidade com o termo *relegere*, “observar cuidadosamente”, em referência à sequência correta dos atos de adoração aos deuses. “Desse modo, Cícero expressa a compreensão romana de ‘religião’, conforme a qual se trata na religião menos de crer corretamente do que de realizar corretamente os atos dirigidos aos deuses” (HOCK, 2010, p.18). Tributária também desta tradição latina é a compreensão de que *religio* é uma palavra derivada de *religare* (ligar, amarrar), noção formulada pelo escritor e orador cristão do século III/IV, Lactâncio. Esta definição foi posteriormente adotada por Agostinho (354-430 d.C.) e descrita como *religio vera*, “religião verdadeira”, como aquela que é orientada pelo zelo de “ligar de volta” a alma que se afastou de Deus.

De modo geral, as teorias da religião podem ser organizadas em dois grandes grupos, definidos pelos termos “substantivo” e “funcional”, termos utilizados por Berger (1974) em artigo no qual os coloca em oposição, *substantive versus functional definitions of religion*. Gaalen (2014), oferecendo uma visão geral das

características de ambas as definições, elabora um quadro com os principais pontos discutidos para cada definição:

Características	Funcional	Substantiva
Em que é baseada	O que a religião faz e como ela opera em termos de seu lugar no sistema social ou no sistema psicológico.	Qual é o conteúdo e a essência da religião
O que inclui	<i>Psicológico</i> : a função ou papel que a religião desempenha na mente e na vida emocional dos crentes. <i>Sociológico</i> : a função e a influência da religião na sociedade.	A religião como um tipo de filosofia de vida que existe independentemente da nossa vida social ou psicológica.
Do que depende	Rituais simbólicos, crenças e práticas. O sagrado em vez do sobrenatural.	A crença no sobrenatural e transcendental.
Exemplos	Nacionalismo, fé revolucionária, símbolos ou movimentos sociais.	Deus, deuses, seres e coisas sobrenaturais.
Desvantagens	Muito inclusivo; impedem a distinção entre religião e outros fenômenos.	Muito universal; são gerais o suficiente para se aplicar a várias religiões.

Berger (1974, p.125) explica que as teorias substantivas sobre a religião tendem a considerar a religião como aquilo que se revela através dos elementos que a constituem. Por sua vez, as teorias funcionalistas tendem a ver na religião algum aspecto assumido como relevante e determinante para a sua explicação, por este motivo os seus teóricos são classificados como “reducionistas”, isto se deve principalmente por estes teóricos abordarem a religião como epifenômeno. Ao passo que os teóricos das teorias substantivas são considerados “não reducionistas”, pois tendem a olhar para a religião enquanto fenômeno em si, considerando a religião por meio dos elementos que a constituem.

Osvaldo Ribeiro (2019), através de um recorte metodológico descritivo e de levantamento bibliográfico, apresenta um conjunto de treze teorias sobre a religião,

classificando as teorias em dois grupos: teorias reducionistas e teorias não reducionistas. E assim fornece um panorama das principais teorias funcionalistas e substantivas.

Ribeiro (2019, p.724) expõe a forma como Daniel Pals, na segunda versão do livro *Eight theories of religion*, apresenta um sistema de classificação do conjunto das teorias da religião. Neste sistema, as teorias foram organizadas por centros de interesse. Pals considera que as orientações que ele propõe expressem o elemento paradigmático do interesse do teórico marcado em sua especificidade teórico-metodológica. Ribeiro (2019, p.724) explica que Pals:

Postulou cinco campos de interesse teórico, que chamou de “orientações”, circunscrevendo a eles os teóricos clássicos: 1. orientações humanistas (Weber, Eliade, Evans-Pritchard e Geertz, dentre outros) (PALS, 2006, p.294-295); 2. orientações psicológicas (Freud e Jung, dentre outros) (PALS, 2006, p.295-296); 3. orientações sociológicas (Durkheim, e outros) (PALS, 2006, p.296-297); 4. orientações político-econômicas (Marx, e outros) (PALS, 2006, p.297-300); 5. orientações antropológicas (Taylor, Frazer, dentre outros) (PALS, 2006, p.300-304).

Peter Berger, – ao longo dos textos que escreveu em ocasiões diferentes, – buscou situar a sua pesquisa no campo da Sociologia do Conhecimento. E, neste horizonte teórico, compreendia haver uma relação entre o pensamento humano e as condições sociais sob as quais o pensamento ocorre. O pensamento humano se mantém dependente de uma “estrutura de plausibilidade” que lhe garanta suporte social. E, no tocante a isto, o pensamento religioso não se constitui exceção. Berger, ao problematizar os possíveis conflitos oriundos da relativização produzida pelo pensamento secular moderno em relação ao pensamento religioso, percebe que a Sociologia do Conhecimento adquire uma relevância ao lidar com esta questão, principalmente, ao explicar o conceito de “estruturas de plausibilidade”:

Uma das proposições fundamentais da sociologia do conhecimento é que a plausibilidade, no sentido daquilo que as pessoas realmente acham digno de fé, das ideias sobre a realidade depende do suporte social que estas ideias recebem. Dito mais simplesmente, nós conseguimos nossas noções sobre o mundo originalmente de outros seres humanos, e estas noções continuam sendo plausíveis, para nós em grandíssima parte, porque os outros continuam a afirmá-las. Há algumas exceções – noções que derivamos direta e instantaneamente de nossa

própria experiência dos sentidos –, mas mesmo estas podem ser integradas em visões significativas da realidade somente por força de processos sociais. Claro que é possível ir contra o consenso social que nos cerca, mas há pressões fortes (que se manifestam como pressões psicológicas dentro de nossa própria consciência) para nos conformarmos às visões e crenças de nossos semelhantes. É na conversa, no sentido mais vasto do termo, que construímos e fazemos prosseguir nossa visão sobre o mundo (BERGER, 2018, p.64).

As “estruturas de plausibilidade”, enquanto suporte social, constituem-se em mediações hermenêuticas entre os atores sociais e a realidade. Em outros termos, este suporte interpretativo da realidade pode ser caracterizado como uma estrutura de linguagem que fornece uma interpretação plausível acerca da realidade.

No sentido de fornecer suporte social a certos modos de compreender o mundo, a religião, sem qualquer exagero, pode ser concebida como “estrutura de plausibilidade”. E, no âmbito da linguagem, a religião pode ser entendida enquanto texto. E, ao falar de expressões da religião como *texto*, objetiva-se com isto “analisar a religião como um sistema de comunicação e elaboração de mensagens” (NOGUEIRA, 2012, p.17).

Nogueira (2012) observa que a busca pelo sagrado e os seus elementos simbólicos presentes na sociedade contemporânea pode ser notada em uma grande variedade de expressões, em diferentes códigos.

A diversidade dessas expressões religiosas é imensa e segue sendo um desafio ao cientista da religião em seus esforços classificatórios. No entanto, na contemporaneidade a intensidade com que se dá esta diversidade é a levada ao infinito pelo fato de o consumidor de religião pós-moderno poder juntar fragmentos de várias tradições e montar o seu próprio conjunto de textos.

A diversidade das expressões religiosas se deve principalmente à diversidade de suas formas. Dentro de uma única tradição esta diversidade pode ser encontrada: nela, religião é falada, escrita, tornada visual, expressada corporalmente, transformada em etiquetas para o comportamento, em temperos de refeições sacras, traduz-se em normas para o corpo, em alquimia de elementos e palavras. Ainda que amplificada no nosso tempo, a diversidade religiosa já era constitutiva das expressões religiosas desde suas origens, devido aos diferentes códigos que a formavam (NOGUEIRA, 2012, p.15).

Na análise da religião como texto, segundo Nogueira (2012), “sistema de comunicação e elaboração de mensagens”, a expressão religiosa (que pode ocorrer através de diferentes códigos ou linguagens) pode ser compreendida enquanto “texto da religião” ou “texto cultural da religião”.

O texto, segundo Lotman, tem três funções: (1) função comunicativa; (2) função geradora de sentido; (3) função mnemônica (LOTMAN, 2007). Em termos tradicionais, a função primordial da linguagem é realizar a transmissão de mensagens com eficiência. Esta, porém, é uma percepção idealizada da linguagem na qual se pressupõe que sempre haverá uma preservação da identidade entre mensagem emitida e recebida, por meio de um processo no qual sempre haverá um código idêntico entre emissor e receptor. Todavia, conforme expõe Nogueira (2012, p.17-18):

Na produção de textos, em razão da identidade apenas relativa entre emissor e receptor e da consequente existência de mais de um código, sobressai-se outra função da linguagem: a função criativa, de geração de novas mensagens. Ou seja, havendo entre emissor e receptor não um único código – devido a um relacionamento assimétrico entre eles –, mas diferentes códigos, torna-se constantemente necessária a escolha, tradução e, por consequência, tem-se a produção de novas informações [...] Aquilo que numa teoria clássica de informação chamamos de ruído, na informação é na verdade o que constitui a função básica do processo de comunicação. A comunicação humana insere “ruídos” o tempo todo. É por meio da diversidade de códigos que os textos estão sempre prontos a gerar novos textos. Quanto mais complexos os textos, como é o caso dos textos artísticos e religiosos, tanto maior a existência de variação de códigos e, consequentemente, de novas mensagens.

Com isto, conseguimos dar conta de duas funções do texto: a comunicativa e a função criativa ou geradora de novos sentidos. Resta a terceira, a função relacionada à memória. Acerca desta, Nogueira (2012, p.18) acrescenta que o texto não somente gera novos significados, mas condensa memória cultural. Sendo este um conceito central da semiótica da cultura, pois nesse caso o texto adquire uma personalidade semiótica, evoca os demais textos por meio dos quais foi interpretado. Também traz em si as memórias de sua leitura e dos eventos históricos que ocorrem fora de si, mas que podem evocar associações. O texto não é uma mensagem inerte, estática, mas antes uma mensagem que se auto-organiza e que se relaciona

com outros textos, sendo este processo de preservação da memória um sistema poderoso para criação de novos textos.

Berger expressou que as condições sociais dão suporte ao pensamento humano e exercem sua influência através das interações entre os sujeitos em sociedade, as visões acerca do mundo são construídas nesse processo comunicativo. No que se refere à religião e a sua capacidade geradora de novos sentidos e de produção de novos textos culturais, o quadro se torna cada vez mais complexo, principalmente quando não se deixa restringir pela divisão tradicional entre sagrado e profano. Em sociedade, diferentes textos culturais se comunicam, e a religião é um destes com imensa capacidade de criar novas mensagens.

4 RELIGIÃO E SEU POTENCIAL GERADOR DE SENTIDOS

Evans-Pritchard (em sua pesquisa etnográfica realizada no Sudão anglo-egípcio durante a década de 1920 entre os Azande, publicada no livro *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*) fornece uma perspectiva que nos ajuda a ilustrar como o texto cultural religioso gera sentidos. Evans-Pritchard (2005, p.50-51) conta que:

Certa vez um rapaz deu uma topada num pequeno toco de árvore no meio de uma trilha no mato - acontecimento freqüente na África - e veio a sentir dores e desconforto em consequência disso. Foi impossível, pela sua localização no artelho, manter o corte limpo, e ele começou a infecionar. O rapaz declarou que a bruxaria o fizera chutar o toco. Eu sempre discutia com os Azande e criticava suas afirmações, e assim fiz nessa ocasião. Disse ao rapaz que ele batera com o pé no toco porque tinha sido descuidado, e que não fora bruxaria que colocara o toco na trilha, pois ele crescera lá naturalmente. Ele concordou que a bruxaria nada tinha a ver com o toco estar na trilha, mas observou que tinha ficado de olhos abertos para tocos, como realmente todo zande faz, e que, portanto, se não tivesse sido embruxado, tê-la-ia visto. Como argumento definitivo, a seu ver, lembrou que os cortes não levam dias para cicatrizar - ao contrário, fecham logo, pois esta é a natureza dos cortes. Por que então sua ferida infecionara e continuava aberta, se não havia bruxaria por trás dela? Como não tardei a descobrir, essa pode ser considerada a explicação zande básica para as doenças.

Esta narrativa é reveladora de como o pensamento religioso opera de modo a manifestar novos sentidos até mesmo através de eventos comuns ou corriqueiros da vida cotidiana. Isto acontece de tal forma que uma topada em um pequeno toco de árvore adquire um significado que transcende o ocorrido. O sentido literal do

acontecimento é preservado, mas um novo sentido é construído a partir dele, a topada se torna mais do que uma topada. Pois esta passou a ser a constatação de que há outra realidade na qual magia e bruxaria influenciam os acontecimentos cotidianos, não apenas os acontecimentos mais complexos como nascimento e morte, mas os simples como um tropeço ou uma topada.

Nogueira (2013) expõe a abordagem do biólogo norte-americano Terence Deacon, autor de *The symbolic species*, um estudo de grande impacto para Psicologia e Antropologia Evolutiva, e uma discussão do papel da linguagem na evolução da espécie humana e a sua relação com a religião. Deacon propõe a hipótese da linguagem como uma anomalia evolutiva, ou seja, a linguagem não é o resultado natural e necessário do processo evolutivo, mas antes um paradoxo. Ele comprehende que há uma diferença intransponível entre a linguagem humana e as linguagens animais. Esta diferença fundamental reside na referência simbólica presente na linguagem humana. A representação simbólica é a expressão de um modo de pensamento incomum que se constitui no caminho de entrada para o mundo virtual da cultura que foi aberto para os seres humanos pela evolução da linguagem. Para Deacon, é esta característica da linguagem humana que deve ter sido o motor das transformações no cérebro humano. Estas alterações cerebrais foram codificadas no DNA e permitiu que a seleção natural redesenhasse o cérebro humano para essa nova função.

Essas transformações no âmbito da linguagem em função da simbolização e de suas redes foram as responsáveis pelas transformações na estrutura cerebral humana, dando origem a um cérebro capaz de dar conta dessas complexas redes associativas e a um sistema auditivo e fonador para a sua expressão. Por isso, Deacon fala de um *Homo simbolicus*, constituído pela evolução decorrente da informação simbólica do que por qualquer característica física (NOGUEIRA, 2013, p.446).

Este acontecimento possibilitou a criação de um mundo humano através da cultura. O surgimento de uma representação do mundo por meio da linguagem simbólica foi o que tornou possível, dentre muitas coisas, a arte e a religião pré-histórica. Nogueira explica que, segundo Deacon, o uso da linguagem simbólica criou dois subprodutos: o primeiro, a tendência de criar um *self narrativo* simbólico e explicações narrativas sobre o mundo; o segundo é a tendência humana de prestar atenção e buscar estruturas subjacentes e ocultas sob a realidade aparente.

Essa predisposição para construir nossas identidades e organizar nossa compreensão do mundo de forma narrativa é uma característica da religião que vem sendo observada recentemente com mais atenção pelos estudos cognitivos. Narrativas são relacionadas com a construção de nossas identidades como indivíduos e com memórias elaboradas das comunidades às quais pertencemos. É dessa predisposição narrativa que surge aquela que é a narrativa por excelência da religião: o mito. As narrativas também têm o poder de modelar a realidade, uma vez que elas são teleológicas, isto é, são direcionadas para um fim, enquanto a vida real não é. As narrativas fazem parte dessa tendência humana de dar sentido ao mundo.

A outra característica é a *tendência de buscar estruturas ocultas e subjacentes à realidade*. Existe um dualismo de fundo na linguagem decorrente do fato de por detrás das palavras há significados, por debaixo das frases há estruturas lexicais e sintáticas, de que, portanto, nosso conhecimento do mundo repousa sobre um sistema críptico que só pode ser entendido se compreendermos sua lógica. Entender este sistema críptico, na linguagem ou na nossa construção do mundo, nos faz entrar em um mundo semiótico que pode ser comparado a uma *segunda realidade*. Esta realidade semiótica nos envolve tanto, que ela se torna um ambiente em si mesmo (NOGUEIRA, 2013, p.447).

Seja denominado como um “sistema críptico” ou como uma “estrutura de plausibilidade”, é importante entender que a percepção humana da realidade é construída socialmente. Narrativas acerca do mundo servem como elementos da linguagem que fazem a mediação entre os seres humanos e o mundo. Isto contribui para determinar o modo como indivíduos e comunidades devem viver, uma vez que as narrativas estabelecem quem indivíduos e comunidades são. As narrativas também são determinantes para convencer acerca de para qual propósito ou finalidade existem no mundo, criam os princípios de compreensão de como devem agir com o foco em alcançar um propósito existencial.

A experiência religiosa (CROATTO, 2010) (expressa através de símbolos, mitos e racionalizada em elaborações doutrinárias, dogmáticas, liturgias, bem como se manifestando por meio da música, da poesia, de expressões corporais etc.) constitui-se em linguagem, texto, mas com imenso potencial gerador de novos textos na cultura.

Além disto, é necessário reconhecer que até mesmo fenômenos claramente seculares na Modernidade ocultam uma lógica religiosa (PRAZERES, 2021, 2022; VOEGELIN, 1982; CRUZ, 2015). No tocante a isto, desde que Voegelin (2002)

interpretou o fascismo, o nazismo e o comunismo como religiões seculares que há relativo interesse acadêmico no modo como o campo político é movido por uma lógica religiosa. Mas isto não é algo restrito ao campo político, ou ao campo da ciência, há expressões religiosas em diferentes e inusitados lugares na sociedade. Na pintura, na música, no teatro, no cinema, e na literatura, para citar alguns exemplos, há abordagens do sagrado, seja de formas implícitas ou explícitas.

Neste horizonte, é essencial um olhar atento para as formas como tais fenômenos seculares são motivados por paixões e motivações análogas às religiosas. Bem como não se deve desconsiderar o modo como as crenças religiosas explícitas das religiões majoritárias em determinadas sociedades continuam tendo força para mover decisões políticas e eleitorais.

Exemplo disto, a forma como o julgamento moral religioso continua impedindo o avanço no debate político sobre direitos reprodutivos das mulheres, a inclusão social de pessoas da comunidade LGBTQUIA+ e direitos civis desta comunidade ao casamento e a adoção de crianças, dentre outros direitos.

A religião como texto possui um potencial gerador de outros textos. Observamos este fenômeno de intertextualidade religiosa e cultural nas alusões ao sagrado como intertextos nos enredos das escolas de samba, para citar um exemplo recente. Ao longo dos anos isto sempre provocou polêmicas com algumas instituições religiosas, em certas ocasiões com a Igreja Católica e, em outras, com algumas lideranças das igrejas evangélicas.

Em 2023, a Frente Parlamentar Evangélica ameaçou processar a Escola de Samba Gaviões da Fiel. Políticos vinculados às igrejas evangélicas, que foram eleitos com uma retórica de defesa de pautas religiosas, conduzidos ao parlamento para agirem com a intenção de tornar o Estado em guardião, ou pior ainda, em poder que obriga à sociedade a viver segundo a moralidade propagada por suas igrejas. O enredo da Escola de Samba Gaviões foi intitulado “Em nome do Pai, dos Filhos, dos Espíritos e dos Santos”, em uma clara alusão à Santíssima Trindade e à religiosidade popular brasileira, bem como ao sincretismo afrocatólico no Brasil. Os parlamentares, dando voz às queixas do seu eleitorado religioso, declararam que o samba-enredo desrespeita a Trindade e a Jesus por compará-lo com o orixá Oxalá.

Este episódio é revelador de como uma manifestação cultural, uma festa popular, o desfile de Escolas de Samba e um samba-enredo fazem alusão a elementos de uma tradição religiosa, isto se constitui em um fenômeno de intertextualidade cultural. Conforme já mencionado, religião é também linguagem, é texto. E textos preservam entre si relações intertextuais. E quanto mais complexos forem os textos, terão um enorme potencial de gerar novos textos a partir de si. E uma das formas disto ocorrer é por meio da alusão. A religião-texto é polifônica e repleta de polissemia, geradora de sentidos. É exemplo disto a forma como os próprios praticantes de uma tradição religiosa se apropriam dela e criam modos particulares de vivenciá-la, partindo da forma como experimentam e interpretam individual ou comunitariamente a tradição tida como oficial. Outro exemplo pode ser encontrado na forma como alguém de fora da religião a recepciona, unindo elementos da tradição religiosa recepcionada com outros de sua própria vivência religiosa. Algo que em tempos pós-modernos é cada vez mais comum, em contexto nos quais a experiência religiosa individual ganha protagonismo. E, além destes, há o modo como as manifestações culturais e artísticas podem dar novos sentidos aos conteúdos religiosos existentes. Acredito que seja nesta esfera que os enredos das escolas de samba estão atuando.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi proposta aqui uma reflexão que problematizasse o papel da religião e da secularização na Modernidade, assumindo como elemento relevante para esta reflexão o pluralismo como foi concebido por Peter Berger. A compreensão de que a sociedade moderna encontrou uma forma na qual há uma coexistência nas mentes dos indivíduos e na esfera social de um duplo pluralismo: o de discursos de diferentes religiões e a coexistência de discursos religiosos e seculares.

Neste horizonte teórico, foi traçado, no primeiro momento, a trajetória por meio da qual o desenvolvimento teórico-metodológico de Berger percorreu desde a sua teoria clássica sobre a secularização até o seu entendimento mais recente sobre o pluralismo moderno.

No segundo momento, buscou-se trazer para o debate a concepção de religião como linguagem e relacionar esta concepção com o conceito de “estruturas de

plausibilidade”, abrindo o caminho para o terceiro momento no qual se enfatizou a religião enquanto linguagem e o seu potencial gerador de novos sentidos.

Esta discussão foi desenvolvida, principalmente, em um esforço de superação de quaisquer rígidas distinções entre secular e sagrado em sentido tradicional. Por entender que tal distinção, quando assumida com rigidez, impossibilita a percepção de que há fenômenos nos quais há mútua influência entre o sagrado e o profano. E as contribuições oriundas do horizonte teórico dos estudos acerca da linguagem ou da semiótica da cultura podem ser de imenso auxílio para as pesquisas que não ignorem a religião como texto cultural.

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter L. Os múltiplos altares da Modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista. Petrópolis: Vozes, 2017.

BERGER. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

BERGER. Rumor de anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. Petropólis: Vozes, 2018.

BERGER. O imperativo herético: possibilidades contemporâneas da afirmação religiosa. Petropólis: Vozes, 2017.

BERGER. Reflections on the sociology of religion today. *Sociology of religion*, v. 62, n. 4, p. 443-454, 2001.

BERGER. Secularization falsified. *First things: A monthly Journal of Religion & Public Life*, v. 180, p. 23-27, 2008.

BERGER. Some second thoughts on substantive versus functional definitions of religion. *Journal for the Scientific Study of Religion*, v.13. n.2, p. 125-133, 1974.

COUTINHO, José Pereira. O debate actual da secularização: teorias adeptas versus teorias adversárias. *Horizonte*, Belo Horizonte, v.16, n.49, p.326-355, jan./abr., 2018.

CROATTO, José Severino. As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo: Paulinas, 2010.

CRUZ, Eduardo Rodrigues da. Breves notas sobre o Estudo das Religiões Seculares, com menção ao caso das Ciências Naturais. *Paralellus*, Recife, v. 6, n. 13, p. 309-330, jul./dez.2015

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

- EVANS-PRITCHARD, E. E. Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- GAALEN, Marieke Van. Functional and Substantive Definitions of Religion. University of Groningen. 2014. Disponível em: <https://ugc.futurelearn.com/uploads/files/02/a3/02a3244f-7595-4699-b4a0-6496933e9212/Functional_and_Substantive_Definitions_of_Religion.pdf>. Acesso em: 05 de junho de 2023.
- HOCK, Klaus. Introdução à Ciência da Religião. São Paulo: Loyola, 2010.
- PIERUCCI, Flávio. O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo: USP; Editora 34, 2013.
- PRAZERES, Alexandre de J. Trans-humanismo e secularização: escatologia tecnognóstica. Campinas: Editora Saber Criativo, 2021.
- PRAZERES. Manifestações antidemocráticas pró-governo Bolsonaro em 2020: uma análise a partir do conceito de representação em Eric Voegelin. In: ALBUQUERQUE, Andréa Depieri; SOUZA, Marco Aurélio Dias de. Observatória da democracia da UFS: 25 registros de ataques e ameaças à democracia brasileira. São Cristóvão: Editora UFS, 2022. p.55-72.
- LOTMAN, Iuri M. As três funções do texto: por uma teoria semiótica da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de S. Religião como texto: contribuições da semiótica da cultura. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de S. (Org.). Linguagens da religião: desafios métodos e conceitos centrais. São Paulo: Paulinas, 2012. p.13-30.
- NOGUEIRA. Linguagens religiosas: origem, estrutura e dinâmicas. PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Orgs.). Compêndio de Ciência da Religião. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p.443-455.
- RIBEIRO, Osvaldo Luiz. Teorias (e quase teorias) da religião: um olhar descritivo. Horizonte, Belo Horizonte, v.17, n.53, p.753-756, maio/ago. 2019.
- KOSLowski, Adilson. Em torno da problemática de definir religião. Philósophos, Goiânia, v.18, n. 1, P. 103-126, jan./jun. 2013
- TAYLOR, Charles. Uma era secular. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010.
- VOEGELIN, Eric. As religiões políticas. Lisboa: Veja, 2002.
- VOEGELIN. A nova ciência da política. Brasília: Editora UNB, 1982.